



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de recebimento dos títulos de Cidadão Baiano e Soteropolitano, da Assembléia Legislativa da Bahia**

**Salvador-BA, 07 de junho de 2004**

Quero cumprimentar o excelentíssimo governador da Bahia, Paulo Souto,

Quero cumprimentar o vice-governador do estado da Bahia, constituinte junto comigo, em 88, Eraldo Tinoco,

Quero cumprimentar o presidente da Assembléia Legislativa da Bahia, deputado Ricardo Gaban,

Quero cumprimentar o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Gilberto de Freitas Caribé,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar a deputada Moema Gramacho, autora do projeto que me concede o título,

Quero cumprimentar o prefeito de Salvador, senhor Antônio Imbassahy,

Quero cumprimentar o primeiro-secretário da Assembléia Legislativa, deputado Vespasiano Santos; e o segundo-secretário, deputado Eliel Santana,

Quero cumprimentar o presidente da Câmara de Vereadores, vereador Emmerson José,

Quero cumprimentar o vereador Sérgio Carneiro, autor do projeto que me concedeu o título de Cidadão de Salvador,

Quero cumprimentar meu amigo e companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o meu amigo Ciro Gomes, ministro da Integração,

O meu amigo Olívio Dutra, ministro das Cidades,



Quero cumprimentar meu companheiro, secretário especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico, Jaques Wagner,

Quero cumprimentar os deputados federais, os deputados estaduais,

Quero cumprimentar a deputada Alice Portugal, o deputado Josias Gomes, o deputado Nelson Pellegrino, o deputado Luiz Alberto, o deputado Walter Pinheiro, o deputado Zezéu Ribeiro, o deputado Colbert Martins. Todos os deputados estaduais aqui presentes,

Meu amigo Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar os prefeitos daqui da região – eu estou vendo daqui o Geraldo, prefeito de Itabuna; o prefeito de Juazeiro e o companheiro Carlos Brasileiro, nosso companheiro de Bonfim. Pelo menos três eu vi aqui, na minha frente,

O José Raimundo, de Conquista. Faltam outros que eu não vi. Também não colocaram o nome dos prefeitos aqui, no meu papel.

Quero cumprimentar os vereadores aqui presentes,

Quero cumprimentar o povo da Bahia,

E quero dizer para vocês que é com orgulho imenso que venho a esta terra que aprendi a gostar, ao longo de tantos anos de convivência, aprendi a gostar no tempo da minha militância sindical, aprendi a gostar na época extraordinária das grandes campanhas políticas que aqui participei, aprendi a gostar na época das Caravanas da Cidadania, e aprendi a gostar porque vi que o povo da Bahia sabe gostar como ninguém sabe deste país. Na verdade, o meu gostar é apenas uma retribuição ao gostar tão peculiar das mulheres, dos homens e das crianças deste Estado.

Eu disse, agora há pouco, na inauguração da Farmácia Popular, que em nenhum outro lugar do mundo, em todos os lugares em que eu fui, eu fui tratado com o carinho com que sou tratado na Bahia.



Isso me levou, há uns oito anos, numa campanha política, a dizer, na Praça Castro Alves que, em alguma encarnação eu tinha nascido na Bahia, eu tinha sido baiano, porque eu vivi aqui bons momentos da minha vida; mesmo quando candidato a governador de São Paulo, em 1982, eu tinha que vir fazer campanha para o Edival Passos, aqui.

É verdade que não ganhamos, mas arrumamos algumas confusões boas na nossa vida. Eu me lembro do nosso grande comício, em Rui Barbosa, onde colocaram um cidadão para passar embaixo do palanque e chamar a gente de comunista. Cada vez que nós abríamos a boca, um cidadão gritava: comunistas!

Eu me lembro de Jacobina, eu não vou contar a história para não causar constrangimento a ninguém, mas foi um dia muito complicado na nossa vida. Fizemos um comício num mesmo dia em que Tancredo Neves, para criarmos o PT, em Jacobina. E, certamente, tinha mais gente no comício do que o do dr. Tancredo Neves. Depois, fizemos um comício em Itabuna no mesmo dia que Tancredo estava lá, fazendo a caminhada, nós com um fusquinha, com duas cornetas em cima, e eles com um caminhão grande, já mostrando a diferença da disputa que se daria neste país.

Mas, aqui, na Bahia, eu penso que vocês dão lições a muita gente. Eu não me canso de dizer que poucos estados deste país conquistaram a auto-estima que o povo baiano conquistou. Houve um tempo em que ser baiano era pejorativo. Para mim, que fui para São Paulo, mesmo sem ser baiano, quando a gente era pequeno, a maior ofensa que podia receber nas ruas, jogando bola, era ser chamado de baiano. E, hoje, pelo trabalho que cada um de vocês fez, pelo trabalho do cidadão comum, pelo trabalho da música, pelo trabalho dos políticos, possivelmente nenhum estado do Brasil tenha conquistado o orgulho que os baianos e as baianas conquistaram.

Ser negro na Bahia é ser cidadão. As pesquisas do IBGE, os níveis baixos de escolaridade, a situação precária da mulher negra neste país, não



diminuem o orgulho da negra e do negro na Bahia. Aqui vocês conquistaram o orgulho da cor, o orgulho da raça. Aqui vocês aprenderam, muito rapidamente, que ninguém é melhor do que ninguém, nem pela roupa que veste, nem pelo partido a que pertence, muito menos pela religião. Aqui vocês aprenderam a ser cidadãos e cidadãs, negros e brancos vivendo em convivência sadia.

Por isso, ser cidadão soteropolitano, essa palavra bonita, que me dá o título de cidadão de Salvador ou cidadão baiano, aumenta mais o meu orgulho, eu acho que me torno um pouco mais brasileiro. E faço questão de dizer isto na frente do Governador e do Prefeito, duas pessoas que não pertencem ao meu Partido, duas pessoas com quem, certamente, ideologicamente temos posições antagônicas, mas duas pessoas com quem aprendi a conviver respeitosamente e democraticamente, porque são pessoas que fazem política civilizada, são pessoas que aprenderam a conviver democraticamente na adversidade. É isso que vai consolidar a democracia no país, é isso que vai consolidar as instituições no nosso país: é as pessoas aprenderem que nós somos adversários eleitorais mas que, quando terminam as eleições, tem um ganhador e um perdedor, e não precisam se unir, precisam apenas ter consciência de que, ao ganhar a eleição para ser prefeito, para ser governador, para ser presidente, para ser deputado, depois da posse termina o discurso de candidato e vem a concretização dos seus sonhos, a realização dos seus programas, do acúmulo de experiência que a sociedade construiu junto contigo.

E eu me sinto, hoje, um cidadão muito mais maduro do que há dez anos. O poder, quando é exercido com responsabilidade, amadurece rapidamente as pessoas e faz com que a gente aprenda coisas que, normalmente, a gente não aprenderia se não estivesse no poder. O poder, na verdade, é como dirigir uma família; quando um chefe de família é responsável, ele sabe que não pode ser injusto com nenhum de seus filhos, ele sabe que tem que fazer o máximo que tiver que fazer para contemplar os interesses e a vontade de seus filhos, mas



ele também sabe que só pode fazer aquilo que é possível e nunca fazer promessas de coisas que ele sabe, antecipadamente, que não são possíveis de serem cumpridas.

O exercício do poder é uma provação cotidiana dos compromissos históricos que você assumiu mas, ao mesmo tempo, do fazer justiça para as pessoas.

Eu digo isso porque muitas vezes a imprensa não informa adequadamente, possivelmente por falta de informações, eu sempre quero crer que nunca seja por má-fé, mas sempre por falta de informações. Eu, de vez em quando, posso dizer que esse ou aquele estado estão a receber menos recursos do que outro, porque o governador não é do meu Partido ou o prefeito não é do meu Partido.

O prefeito Imbassahy estava num encontro de prefeitos de capitais, quando uma das figuras mais importantes do PFL, o prefeito César Maia, da capital do Rio de Janeiro, num testemunho que me encheu de orgulho, me disse que em 12 anos em que ele milita à frente do governo do Rio de Janeiro, nunca nenhum governo deu à cidade a quantidade de recursos que o meu governo deu nesses 17 meses.

E, num tom de muita verdade, que é própria do César Maia, ele disse, ainda: “presidente Lula, quando o senhor for ao Rio de Janeiro, o senhor não vai ver, em nenhum jornal do Rio de Janeiro, nenhuma crítica a Vossa Excelência, porque lá eu sou obrigado a reconhecer a quantidade de recursos que o senhor colocou na minha cidade. Agora, de vez em quando, o senhor vai ler uma crítica minha num jornal de São Paulo ou de outro estado porque, afinal de contas, lá eu não sou prefeito, lá eu sou vice-presidente do PFL, e eu tenho que mostrar as nossas divergências políticas, portanto, faço crítica”.

E eu achei uma coisa muito respeitosa e simpática, partindo de um homem do caráter do César Maia – quem conviveu com ele aprendeu a respeitar o César Maia – dizer isso numa reunião que tinha muitos prefeitos.



Estou dizendo isso porque Salvador e o estado da Bahia são dois lugares em que nós tivemos uma atenção especial com o programa Bolsa Família. Vocês sabem que, no estado da Bahia, nós fechamos o mês de maio com 557.442 famílias sendo atendidas pelo Bolsa Família, ou seja, significa algo envolvendo quase 2 milhões de brasileiros.

Em Salvador, até maio foram incorporadas, só na região metropolitana, 38 mil famílias. Totalizamos em maio, na verdade, com 38 mil famílias a mais, 85.698 famílias recebendo o Bolsa Família na cidade de Salvador, faltando 27.738 para que a gente possa completar aquilo que era o nosso número para a cidade de Salvador.

Você sabe que eu tenho o compromisso de chegar, em dezembro de 2006, a 11 milhões de famílias, perfazendo o total do número do IBGE, de 44 milhões de pessoas. E eu acho plenamente possível fazermos isso.

Hoje, estou convencido de que nós vamos conseguir chegar aos 11 milhões de famílias, ganhando, cada uma, três vezes mais do que a média que ganhavam até o dia em que nós assumimos a Presidência da República.

É pouco, é muito pouco. É muito pouco mas, certamente, nós temos muito o que fazer, ainda, pela Bahia, por Salvador e pelo Brasil. O meu sonho é que um dia cheguemos a uma situação em que nenhum brasileiro precise viver de favor da prefeitura, do governo do estado ou do governo federal. Que as pessoas possam viver do resultado do seu trabalho, porque é isso que dá orgulho e dignidade ao ser humano. E é isso que nós, um dia, haveremos de conquistar.

Quero dizer para vocês que muita gente, às vezes, tem muita pressa que as coisas aconteçam. E tem muita gente que governou este país, durante muitos e muitos anos, que, muitas vezes, cobra de nós que façamos em 17 meses aquilo que não conseguiram fazer em 17 anos.

A nossa lógica é ter consciência que fomos eleitos para cumprir um mandato de quatro anos e, nesses quatro anos, nós temos que provar com



números, medindo com todos os governos que passaram pelo Brasil, quem foi que fez mais política social para o nosso povo. Política social que se acumulou ao longo da história, política social que poderia ser menos sofrível, se nós tivéssemos tirado proveito dos quase 50 anos que o Brasil cresceu, de 1930 a 1980, à média de 7% ao ano; se nós tivéssemos feito política de distribuição de renda; se nós tivéssemos feito aquilo que outros fizeram na década de 50 ou na década de 60. Portanto, nós temos um acúmulo muito grande que temos que pagar, e não é da minha responsabilidade.

Não pensem que qualquer um pode jogar nas costas dos presidentes da República a responsabilidade pelo pagamento da dívida. Essa dívida é minha, é do governador, é do prefeito, é dos vereadores, é dos deputados estaduais. Essa dívida, na verdade, é da sociedade brasileira para com a sociedade brasileira. O nosso papel é tentar criar os mecanismos para que a gente comece a recuperar o tempo perdido e que a gente comece a pagar essa dívida o quanto antes.

E não adianta vender estatísticas dizendo que todas as crianças estão na escola, porque é importante que todas as crianças estejam nas escolas e isso é um ganho extraordinário, mas é preciso saber qual a qualidade do ensino que essas crianças estão tendo. E, hoje, no primeiro estudo feito em 2003, nós constatamos que é preciso reeducar os nossos alunos e os nossos educadores, porque 40% das crianças que entram nas escolas não terminam o 2º grau, 58% não aprendem a interpretar um texto quando saem da 4ª Série, e 59% não sabem fazer uma das quatro operações.

E se é verdade que nós estamos vivendo o século do conhecimento, é preciso que assumamos a responsabilidade de garantir às crianças de hoje a oportunidade de participarem desse século do conhecimento, aprendendo aquilo que é elementar para que saiam da escola e possam adentrar o mercado de trabalho, que é outro grande desafio nosso, Governador, cuidar da nossa juventude, sobretudo nas regiões metropolitanas das grandes cidades



brasileiras. Eu penso que para todos nós, independentemente do pensamento ideológico ou religioso, a preocupação com a nossa juventude e com os nossos adolescentes, deve estar em primeiro lugar e deve ser prioritária, porque esses jovens, efetivamente, serão os futuros dirigentes de amanhã, portanto, nós temos que cuidar deles.

Eu digo isso porque a Bahia é um estado que tem muitos jovens com problemas. Mas, possivelmente, jovens com muita esperança, ainda, porque a religiosidade, neste Estado, é maior do que em qualquer outro, e as pessoas sempre têm uma fé a mais, uma esperança a mais.

Possivelmente, ainda neste mês, nós lancemos um programa para a juventude brasileira, que não pode ser um programa do governo federal, deve ser um programa das assembleias legislativas de cada estado; deve ser um programa da câmara de vereadores de cada cidade, deve ser um programa de cada prefeito, de cada governador, de cada igreja, católica, evangélica; de cada entidade organizada da sociedade, porque não existe como resolver esse problema num passe de mágica. É preciso compromisso, solidariedade e muitas políticas públicas para que a gente possa recuperar nesses jovens o tempo perdido e para que a gente possa devolver a eles a auto-estima que jamais deveriam ter perdido. E, muitas vezes, a perda da auto-estima se dá em função dos maus exemplos que eles vêem na televisão, de autoridades que poderiam ser exemplos bons e que, muitas vezes, apresentam-se como exemplos negativos, fazendo com que essa meninada não acredite mais em nada. Esse, para mim, é o grande desafio.

Eu digo sempre que, tão grave quanto o problema econômico do país, é a desagregação da estrutura da sociedade, a começar pela família, sobretudo pela perda dos valores que nós precisamos urgentemente começar a discutir, com muito carinho, para que a gente se respeite, dentro de casa. Porque, se não houver harmonia dentro de casa, não haverá harmonia na rua, não haverá harmonia na vila, não haverá na cidade, no estado e não haverá no país.





Eu quero terminar dizendo para vocês: se eu soubesse cantar – eu sou tão desafinado que com o Hino da Independência eu desafino, Governador – mas, se eu soubesse eu cantaria uma música que eu não sei cantar. Há muitos anos, fizeram uma música da Bahia, que era motivo de orgulho para nós, nordestinos, que falava “sou da Bahia, comigo não tem horário, não sou otário e você pode zombar”, não é isso? “Sou cabra macho, sou baiano toda hora, meio dia, duas horas, três e meia, o que que há? Cabeça grande é sinal de inteligência, agradeço a Providência ser cidadão baiano”.

Eu queria partilhar esse meu título de Cidadão do estado da Bahia, da Cidade de Salvador com muito mais orgulho, porque se é verdade que a Bahia era, na literatura de Gregório de Matos, conhecido como “Boca de Brasa”, grande pessoa do século XVII; do nosso querido contemporâneo João Ubaldo; do Castro Alves; do Rui Barbosa, que foi para a Inglaterra ensinar inglês; da Marta Rocha; do Jorge Amado; do Dorival Caymi; do João Gilberto; do Caetano Veloso; do Gilberto Gil; da Maria Bethânia; da Gal Costa; da Margareth Menezes; da Daniela Mercury; da Ivete Sangalo; do Carlinhos Brown; do Glauber Rocha; do Mário Cravo; do Caribé e tantos outros, da dona Canô, da Irmã Dulce, se a Bahia era de toda essa gente bonita, famosa e importante, que eu citei agora, eu queria dizer para vocês, sobretudo para aqueles que têm pouca esperança no Brasil, que se eu já tinha certeza absoluta de que iria fazer tudo aquilo que eu sonhei fazer na minha vida, com este país, sendo só cidadão pernambucano e brasileiro, imaginem agora, sendo cidadão pernambucano, baiano e brasileiro. Certamente, nós vamos fazer muito mais.

E se não conseguiram criar as dificuldades que imaginavam criar, no primeiro ano, agora que eu sou baiano, saiam da frente, porque nós vamos fazer muito por este país.

Muito obrigado, Sérgio Carneiro. Muito obrigado, Moema. Muito obrigado Câmara de Vereadores. Muito obrigado à Assembléia. Um grande abraço para vocês.